

Proposta de DLR - Interdição ao uso no espaço público de herbicidas cujas substância ativa seja o glifosato.

A proposta apresentada pelo grupo parlamentar do Bloco de Esquerda Açores, merece da parte da Associação Os Montanheiros a seguinte reflexão:

1. Pensamos que ainda se está mais da fase das dúvidas e suspeições do que propriamente das certezas. Infelizmente a proposta do BE refere vários estudos, mas não estando os mesmos anexados e sendo vários destes por nós desconhecidos, não os podemos avaliar. Não deixamos de parte a possibilidade de ter opinião diferente se fossemos conhecedor dos mesmos.
2. Em causa estará a saúde pública. Mas no caso apontado, de uma grande incidência de LHN em Portugal, teria feito sentido apresentar-se nesta proposta uma relação causa-efeito, por exemplo demonstrando que há mais casos de LHN em locais onde supostamente há maior exposição ao glifosato (maior aplicação), ou então demonstrando que esses doentes têm níveis residuais de glifosato mais elevados nos seus organismos. Não poderá essa maior incidência de LHN provir de outra fonte?
3. O glifosato é utilizado nas explorações agrícolas. De que forma as pessoas supostamente afetadas ingeriram o glifosato? Há garantias que não foi através da ingestão de produtos hortícolas ou outros produtos agrícolas, e que foi respirado na forma de aerossóis em consequência das aplicações em espaço público, por exemplo? Temos de ter em conta que nos Açores os povoados são maioritariamente no litoral das ilhas, não havendo praticamente a jusante captações de água para consumo (embora haja exceções).
4. A obrigatoriedade de aplicar apenas em determinadas horas do dia (de madrugada) não poderá evitar grandemente o contato da população com esse produto, em espaços públicos? (Essa deveria ter sido uma prática adotada desde sempre porque causa transtornos vários, independentemente da questão que aqui está a ser tratada).
5. Infelizmente todas as demais alternativas à "monda química" com glifosato, para combate a infestantes, seja monda térmica ou monda mecânica, são muitíssimo menos eficientes. Roçar as ervas tem efeitos menos duradores, risco de projetar gravilha e outros pequenos inertes para viaturas e pessoas que possam estar a passar, não chega a ervas em locais que a pulverização chega, é muitíssimo mais caro pelo número de operadores e máquinas que envolve, e devido ao ruído que produz obriga a trabalhar-se apenas durante o dia.
6. Em conclusão, poderíamos dizer que em caso de dúvida devemos-nos acautelar e, como tal, apoiar de imediato esta iniciativa. Mas, ponderando as várias questões acima expostas, iremos continuar a procurar mais e melhor informação para que no futuro possamos emitir uma opinião mais bem fundamentada.

Com os melhores cumprimentos,

Paulo Barcelos

Presidente da Direção da Associação Os Montanheiros.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES	
ARQUIVO	
Entrada	2265 Proc. n.º 105
Data:	019/08/01 N.º 41/XX